Acervo ISA

Documentação
SOCIOAMBIENTAL
Fonte JT
Data 3/9/98 Pg 18A
Class. 18

INCÊNDIOS: 98 BATE RECORDE

Número de focos é quase o dobro do registrado no ano passado, mas as razões são as mesmas

O mês de agosto confirma-se como o auge das queimadas, no Brasil, a exemplo do que vem acontecendo todos os anos. A diferença, em 1998, é que os focos são mais numerosos e uma área significativa dos parques e reservas se encontra ameaçada pelo fogo. A origem dos incêndios, como também é regra, está na falta de alternativas, informação e controle dos produtores rurais sobre as queimadas realizadas nas pastagens e campos de cultivo vizinhos às unidades de conservação e áreas de preservação permanente, a revelia das novas leis, das proibições dos órgãos governamentais e da novidade de haver recursos disponíveis para o combate ao fogo.

Em agosto deste ano, conforme a Embrapa Monitoramento por Satélite, o total de focos registrados pelo satélite NOAA-12 para todo o País foi de 25.029, quase o dobro de agosto de 1997, quando a soma foi de 13.236 focos. Vale lembrar que os registros do satélite NOAA-12 subestimam o número de queimadas, pois sua passagem sobre o Brasil é noturna, num horário em que quase todas as queimadas já se extinguiram. Os dados do satélite diurno, NOAA-14, não são mais divulgados pelo governo.

Cerca de 80% do total de pontos de fogo detectados em agosto estão na Amazônia. Isso corresponde a 20.972 focos. As regiões mais atingidas são o Tocantins, o nordeste de Mato Grosso e Rondônia ao longo de toda a BR-364. Estas áreas estão no chamado Arco do Desmatamento, zona considerada prioritária para a prevenção e combate ao fogo pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), em seu programa Proarco.

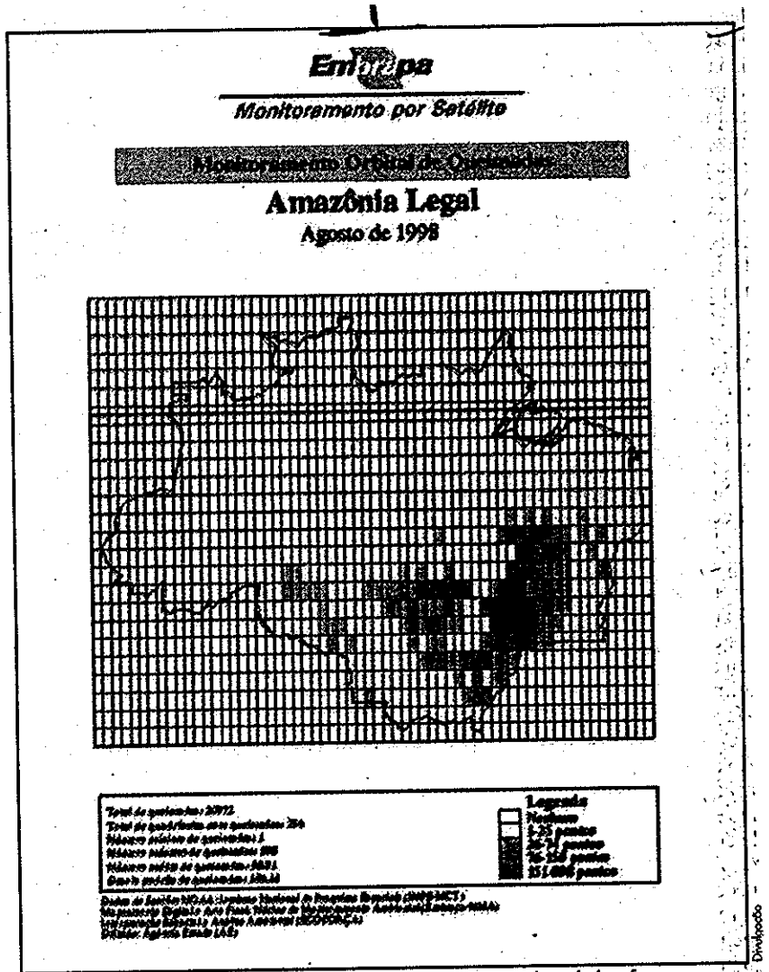
Os registros das maiores concentrações de queimadas coincidem, também, com as localidades onde persistem altas temperaturas devido ao fenômeno El Niño, o aquecimento das águas do Oceano Pacífico, com reflexos no clima mundial. O El Niño terminou efetivamente em julho e as águas do Pacífico Central já estão mais frias. Mas uma grande área do Pacífico Oriental ainda permanece com a temperatura das águas superficiais acima do normal, causando aumentos de dois a quatro graus na temperatura atmosférica do Centro-Oeste e Nordeste brasileiros e do oeste do Acre. Aliadas à seca, comum nesta época do ano, tais temperaturas inesperadamente altas favorecem a perda de controle das queimadas e provocam maior evaporação nos reservatórios e cursos d'água.

O monitoramento das queimadas brasileiras por satélite, que durante os últimos dez anos esteve exclusivamente sob controle nacional, agora tem outros endereços. A Agência Espacial Européia (ESA) está financiando uma iniciativa mundial, que vai produzir mapas de pontos de fogo em todos os continentes, com o objetivo de medir as emissões de gases e de estudar melhor as conseqüências do uso generalizado do fogo. O primeiro passo foi um ensaio com dados dos satélites NOAA de 1993, tratados por um software desenvolvido pelo Joint Research Center, cuja sede é na Itália. O software foi consolidado e agora é a base de uma rede de antenas para recepção dos dados dos satélites, cuja montagem termina em novembro.

Ao lado da Austrália, Itália, República Sul-africana e Vietnã, o Brasil é um dos primeiros "nós" dessa rede, fisicamente instalada na Embrapa Monitoramento por Satélite, em Campinas. O inglês Simon Pinnock, responsável pela instalação da rede, disse que "os dados sobre pontos de fogo de todo o mundo estarão disponíveis automaticamente, via Internet, para todos os participantes, no prazo de 24 horas após a passagem do satélite". Se tudo correr bem, a partir de 1999 a rede será incrementada com mais nós, sempre dentro do espírito de fornecer os dados mundiais para todos.

Outro tipo de monitoramento mundial de queimadas agrícolas e incêndios florestais é feito pelos Estados Unidos, a partir dos dados de temperatura do satélite GOES, aquele das previsões meteorológicas. O GOES está muito mais distante, mas tem a vantagem de fornecer uma imagem a cada meia hora.

Liana John/AE



Mapa produzido pelo satélite mostra o número e o local dos focos

Divulgação